

CORDEL COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: UMA FERRAMENTA ANTIRRACISTA

Igor Aquino de Pinho¹

RESUMO

O presente artigo põe em debate a literatura de folheto nordestino como um instrumento de difusão da cultura afro-brasileira, trazendo à baila alguns exemplos de como isso pode ocorrer, ressaltando os pontos positivos da literatura de cordel como um suporte de ação antirracista no Brasil. O cordel nordestino, com suas raízes na tradição da cantoria oral, é apresentado aqui como um instrumento de produção e difusão do conhecimento e da cultura humana. O referencial teórico-metodológico do trabalho se baseia em autores como Mikhail Bakhtin (2016), Márcia Abreu (1999), Kabengele Munanga (2003) entre outros que discutem a relação entre literatura, sociedade e mudanças políticas e sociais. Objetiva apresentar a função e o poder da disseminação da cultura afro-brasileira e da promoção de ideias antirracistas através do folheto nordestino. A pesquisa possui cunho bibliográfico e documental, por trabalhar com textos de cordéis. A análise dos cordéis nordestinos como fonte de informação e veículo de transmissão de conhecimento é fundamentada em estudos que destacam a importância dessas produções na representação de diferentes vozes e realidades sociais. Os principais resultados apontam para a relevância do cordel nordestino como uma ferramenta antirracista, capaz de abordar temas como desigualdade, xenofobia, racismo e outras questões sociais presentes na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Literatura de cordel, Cultura afro-brasileira, Racismo, Antirracismo.

INTRODUÇÃO

A literatura sempre foi uma ferramenta importante da difusão do conhecimento, dos saberes, da cultura, das paixões e ideologias humanas (Bakhtin, 2016). Durante milênios, a escrita -e a voz- poética e em prosa circulou entre as comunidades construindo personalidades, mitos, religiões, crenças e outros. Ora, a literatura é, portanto, um dos artificios humanos mais importantes: é uma das bases do ser. Ela caminha com comunidades ancestrais e atuais, mudando em alguns casos apenas seu suporte, que dos antigos papiros se modificou e hoje está nas telas dos smartphones. A literatura (antiga, moderna e contemporânea) possui variados aspectos, e um deles, é a característica de ser uma produção humana. É fruto da experiência do indivíduo com o mundo ao seu redor e os outros (Bakhtin, 2016).

¹ Mestre em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri- UFCA, igor.pinho@aluno.ufca.edu.br;

Porém, a literatura não se originou na escrita, como muitos imaginam. Ela nasceu “nas primeiras histórias contadas e repassadas oralmente de geração em geração” (Cúrcio, 2019, p. 10). Porém com o advento da escrita, a literatura ganhou mais força em sua forma gráfica, mas em alguns casos, ainda mantendo seus traços orais, como é o caso do folheto nordestino, que possui em sua escrita, fortes relações com a tradição da cantoria oral (Abreu, 1999).

Assim, o cordel nordestino é um dos inúmeros instrumentos de produção e difusão do conhecimento e tradição humana por meio da literatura. A tradição cordelista, assim como a cantoria popular sofre traços das mudanças sociais e políticas das comunidades e da mudança dos tempos, como qualquer outra forma de expressão, como as mais diversas artes (pintura, escultura, arquitetura, poesia e outros), trazendo aquilo que o poeta observa para dentro do cordel. Ele torna-se fonte de informação para a comunidade, já que o mesmo traz em si diversas informações acerca da sociedade, bem como registros históricos, biográficos e regionais para aqueles que leem ou escutem uma declamação/cantoria. No suporte oral ou da escrita, o folheto serve como fonte de informação às diversas comunidades, como afirmam Miranda e Miranda (2017, p. 80) “o conceito de fontes de informação é bastante complexo, pois pode incluir uma infinidade de documentos desde manuscritos e publicações impressas e eletrônicas, além de fotografias, obras de arte, como também objetos, amostras minerais etc.”

Essas mudanças afetam a literatura, pois como comenta Cúrcio (2019, p.15), esta é “um produto da sociedade” e não pode fugir das influências da sociedade e das políticas econômicas e sociais. Márcia Abreu (1999) nos fala que no início da tradição das cantorias (orais), ainda no século XIX, os temas giravam em torno da seca, do boi e dos vaqueiros, mas que com as mudanças sociais, temas como o capital, mazelas sociais e a desigualdade social. O folheto nordestino se torna uma ferramenta social de difusão e mediação das múltiplas vozes, que se encontram e intercalam na sociedade. Portanto, podemos perceber que o cordel se media no meio literário e social, seguindo uma tradição de cantoria/escrita, como aponta Lemaire (2019, p. 20):

É só os repetindo, e repetindo sem parar, que os conhecimentos vão poder integrar-se na memória das pessoas, transformar-se em tradição. Essa é a primeira significação da palavra tradição: o conjunto dos conhecimentos que as pessoas de uma civilização da oralidade transmitiram e continuam transmitindo de uma geração para outra.

Desta forma, temas cotidianos são trabalhados pelos poetas escritores e poetas cantadores, todavia neste trabalho, focaremos apenas nos poetas escritores de folheto

nordestino. Esses poetas conseguem extrair os temas de suas experiências e pô-las nos versos estilizados e metrificadas, rimando e delineando a história proposta no cordel. Um tema proposto por diversos cordelistas e que ganha cada vez mais espaço é acerca do racismo. De acordo com Kabengele Munanga (2003, p. 7-8) “é uma crença na existência de raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural”.

O pensamento racista advém da ideia de que os brancos são fisicamente e intelectualmente superiores aos negros, mesmo com todas as provas científicas e teóricas provando o contrário. Essas ideias estão impregnadas na cultura do Brasil desde sua colonização por Portugal, que manteve o maior tráfico de negros africanos escravizados em solo brasileiro que o mundo já conheceu.

A professora Djamila Ribeiro (2019) nos mostra que a sociedade escravista brasileira impôs ao negro uma condição social inferior, em que sua cor de pelo demarca a posição mais baixa na cadeia social, que se mostra até os tempos atuais. Identificamos esse panorama como “racismo estrutural”, identificado como a ideia, pensamento e atitudes racistas entranhadas nos costumes brasileiros que se mantêm na dinâmica das relações do Brasil desde a época da escravatura, em que os brancos senhores de engenho detinham a posse de negros, como mercadoria e objeto.

Não obstante, o racismo opera em solo brasileiro há séculos, em que os homens brancos e ricos dominam as classes sociais que estão abaixo na cadeia do poder representativo (geralmente mulheres, negros, nordestinos, indígenas e outros). Sendo um pensamento que não ficou no passado, uma vez que no Brasil são recorrentes os inúmeros casos de racismo que chocam o país, são necessários que a própria sociedade crie caminhos e instrumentos que possam de forma efetiva transformar a realidade comunitária.

Quando observamos as alternativas dentro da área literária, podemos achar gêneros que conversam diretamente com as comunidades, trazendo relevantes temas à tona, como é o exemplo do folheto nordestino. Para Ria Lamaire (2013, p. 21-22) cordel não apenas é um estilo literário, mas fonte de informação, pois foi observado que no século XX “o folheto de cordel em verso servia no Nordeste, como fonte de informação e de conhecimento”.

Nisso, ao observar os papéis da literatura, e mais precisamente do folheto nordestino no contexto social, chegamos ao seguinte questionamento: o cordel consegue ser mediador e instrumento para ações antirracistas?

Uma possível reposta se dará na análise bibliográfica e literária de autores sobre os temas cordel e racismo, além da busca por ações que possam juntar esses dois pontos, e não obstante, observar folhetos e projetos que tratam do tema racismo. Assim, este trabalho objetiva buscar apresentar a função e o poder da disseminação da cultura afro-brasileira e da promoção de ideias antirracistas através do folheto nordestino. A literatura também faz o papel de voz das comunidades contra o racismo, por meio de versos ou das prosas. Ela carrega a característica de ser uma ferramenta antirracista.

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa “é essencial compreender que para abordar problemas sociais multidimensionais a pesquisa de um problema é utilizada para aumentar as oportunidades de inovação social, de forma a aplicar o conhecimento obtido às necessidades sociais” (Pinho, 2023, p.39). Por isso, devemos ter caminhos claramente delineados sobre este tópico. O presente trabalho debruça-se através da metodologia bibliográfica e documental. A primeira por levantar questionamentos já discutidos no meio acadêmico e abordados em estudos anteriores, uma vez que de acordo com Severino (2002), a pesquisa bibliográfica é a pesquisa realizada a partir de diversos documentos, bem como artigos, teses, livros entre outros. A segunda caracteriza-se por trazer à baila textos impressos em cordéis, tratados aqui como documentos literários.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Ria Lemaire (2013, p. 14), os poetas nordestinos são “atores e promotores sociais da sua comunidade”, sendo assim, os poetas conseguem difundir sua cultura e ideias de sua coletividade. Conseguem, então, serem difusores da realidade brasileira não apenas no âmbito da região Nordeste, mas do todo, abordando temas pertinentes às diversas classes sociais e das diversas áreas do país. Se um indivíduo for consultar acervos de cordéis nordestinos pelo mundo, irá deparar-se com temas variados, que abordam a economia, injustiça sociais, esportes, cultura, política, racismo, além de folhetos relacionados também à ciência, educação, religião e tantos outros. Esses acervos mostram que o folheto era e é ainda hoje “fonte de informação e conhecimento, veículo de transmissão e meio de divulgação desse conhecimento” (Lemaire, 2013, p.21-22).

Como se tem falado, para criar-se um pensamento coletivo que combata o racismo, é necessário que as ideias antirracistas consigam chegar até a população, através de ferramentas populares, em que de forma facilitada, o leitor de qualquer camada social pode absorver e apropriar-se desses conceitos. E como já mostrado, o folheto nordestino propaga informações, cultura, saberes do povo, etc. através de versos estilizados que podem ser discutidos, lidos ou declamados por um indivíduo ou grupos, abrindo as portas da cultura negra para a sociedade.

Para entendermos o que é a cultura, Abreu e Mattos (2008, p. 8) nos mostra que a cultura pode ser vista “como processo, e as identidades coletivas como construções culturais, por isso históricas e relacionais” e Peter Burke (1997) ainda complementa que as culturas não são homogêneas, possuindo variações regionais e até individuais. Tendo esses pensamentos em norte, a cultura afro-brasileira pode ser entendida como as expressões culturais do Brasil que têm raízes na rica diversidade cultural do continente africano, trazida pelos negros durante o período colonial brasileiro.

A priori, devemos recordar que o Brasil nasce de uma intensa transgressão dos direitos humanos aos povos originários e aos africanos escravizados durante o período colonial até o final do século XIX, matando-os e os transformando e mão de obra, subjugando povos inteiros de acordo com os desejos dos brancos portugueses. Com isso, o Brasil cria um aparte entre as elites brancas, e as classes mais pobres, negras. Por conta disso, o país possui em sua história e ainda hoje um pensamento colonial e racista, que promove o racismo e intensifica suas ideias. Sabendo disso, nos últimos anos, tem-se criado mecanismos para acabar com o racismo no país, através de políticas raciais, como a Lei 10.369 de 2003, que obriga as escolas do Brasil trabalhar a cultura afro-brasileira em seus currículos. Ainda longe de conseguir sua implementação efetiva, faz-se necessário outros meios de divulgação, como ferramentas digitais e a própria literatura.

O racismo é tão profundamente radicado no tecido social e na cultura de nossa sociedade que todo repensar da cidadania precisa incorporar os desafios sistemáticos à prática do racismo. Neste sentido, a discussão sobre os direitos sociais ou coletivos no sistema legal e, por extensão, no sistema escolar, é importantíssima. (Munanga, 2010, p. 53).

Portanto, o cordel pode ser tido como uma ferramenta a mais na difusão da cultura afro-brasileira, e que já existem movimentos nesse sentido, como livro infanto-juvenil no estilo de literatura de cordel “Traquinagem de criança” da autora Janete Coelho, que trabalha a literatura popular no contexto escolar e no âmbito da difusão da cultura afro no Brasil e possui o “objetivo de educar os seus leitores como pertencentes à raça negra

brasileira através da cultura popular, e na educação ajudando constituir outros olhares sobre a formação de professores” (Coelho, 2019).

Assim, devemos também considerar que o espaço escolar e acadêmico também exerce papel fundamental nessa questão, uma vez que é nesse ambiente em que se desenvolve o pensamento crítico dos alunos e as condições de convivência de todos. O espaço literário, social e também o escolar se integram na difusão e enriquecimento do movimento negro. A BNCC² (2018) já traz o cordel como uma das formas de se trabalhar a pluralidade cultural, a diversidade linguística, desenvolvimento literário, de leitura e escrita em crianças e adolescentes. Assim, percebe-se que para uma educação antirracista, a escola também desempenha uma função social e literária através do cordel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura de cordel, em seu cerne, apresenta a visão do poeta de acordo com o que há disponível no seu cotidiano. Portanto, realizando um recorte temporal, observamos que o folheto de cordel escrito e impresso nascem no Nordeste no final do século XIX, época essa que se passa antes, durante e depois do processo de escravidão no Brasil, marcando os leitores com pensamentos e ideias racistas, disseminados pelas elites brasileiras e portuguesas.

Assim, se encontra com facilidade versos explicitamente racistas (principalmente em cordéis do século XIX e da metade do século XX) em que há versos, estrofes ou até mesmo o folheto inteiro com frases pejorativas, palavras racistas ou com comparações maldosas. Temos como exemplo como o cordel “Peleja³ do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum”, do poeta Firmino Teixeira do Amaral, que narra uma disputa fictícia entre ambos através da cantoria. Este cordel está disponível no portal do Domínio Público, podendo ser lido por qualquer pesquisador, aluno ou público em geral. O folheto possui ofensas em sua maioria racistas de entre os dois, enquanto que Cego Aderaldo faz ofensas racistas, Zé Pretinho ridiculariza a deficiência visual de Cego Aderaldo, como podemos observar nas estrofes abaixo:

Negro, és monturo,
Molambo rasgado,

² A Base Nacional Comum Curricular é o conjunto de normas e diretrizes para a educação básica do Brasil, trazendo diferentes orientações e regulamentações para cada campo do conhecimento.

³ Peleja é o uma forma de desafio através da cantoria/versos em que dois poetas se desafiam para ver quem é o melhor poeta, se valendo de ofensas, calúnias, bom humor, brincadeiras e em alguns casos, palavras de baixo calão.

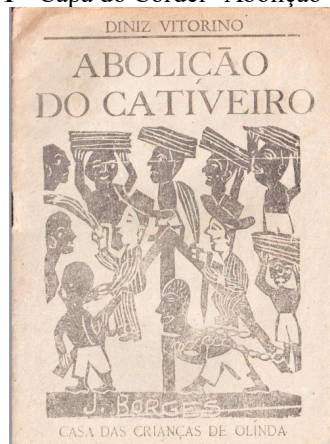
Cachimbo apagado,
 Recanto de muro!
 Negro sem futuro,
 Perna de tição
 Boca de porão,
 Beiço de gamela,
 Vento de moela,
 Moleque ladrão!
 (Amaral, 2011, p. 13)

Podemos observar que esse é um dos muitos cordéis com esse discurso de sua época, sendo importante lê-lo para compreender e debater seu valor histórico e a linguagem dos discursos ali empregados. Contudo, com o passar dos anos, houve certa mudança de pensamento entre os leitores, contando e retratando a luta do povo negro durante a escravidão do Brasil, como o folheto de cordel “Abolição do cativo”, de Diniz Vitorino Ferreira⁴ (s.d), que relata em forma de narrativa e em versos os percursos dos negros escravizados até chegarem no Brasil.

Se o preto tem como o branco
 alma, vida e coração
 e como poderia ser
 tratado em forma de cão
 preso nos ferros cortantes
 da maldita escravidão.
 (Ferreira, s.d, p.3).

O texto em formato de rima “ABCBDB”, feito em sextilhas, com sete sílabas poéticas, destaca a que tanto brancos como negros possuem direitos a liberdade e às garantias dos seus direitos, como a integridade, além de defender a abolição da escravatura, atacando incisivamente a tortura e maus tratos.

Figura 1 - Capa do Cordel “Abolição do cativo”



Fonte: Casa Rui Barbosa.

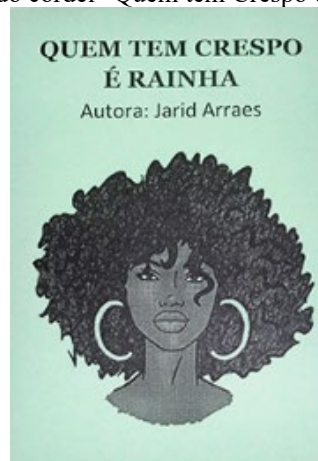
⁴ Foi poeta, cantador, cordelista e repentista. Nasceu em 1940, na cidade de Monteiro, na Paraíba e faleceu em 2010, em João Pessoa/ PB.

Além do Diniz Vitorino, também podemos observar o antirracismo nos versos da autora negra e cearense Jarid Arraes⁵, que trabalha a questão do povo negro e da cultura afro em seus cordéis. Em seu cordel intitulado “Quem tem Crespo é Rainha”, que ela aborda o racismo enfrentado por meninas negras por causa do seu cabelo crespo e de sua cor de pele.

O amor pelo seu crespo
É coroa pra reinar
Imponente a aparência
Negritude a ensinar
A beleza escurecida
De orgulho fortalecida
Feita para acalantar
(Arraes, 2015).

A sua aceitação física é o tema central do cordel, em que Arraes dá o incentivo do empoderamento às meninas negras. O cordel é construído em setilhas, com as rimas em ABCBDDDB e oito sílabas poéticas.

Figura 2 - Capa do cordel “Quem tem Crespo é Rainha”



Fonte: AzMina (2015).

Também podemos citar outro cordel da cordelista Jarid Arraes, que nos fala sobre a escritora Carolina Maria de Jesus⁶, nos dando informações sobre sua vida e obras, como no trecho abaixo retirado do folheto “Carolina Maria de Jesus”:

Carolina é um tesouro
Para o povo brasileiro
É orgulho pras mulheres
Para o povo negro inteiro

⁵ Jarid Arraes é uma escritora negra, nascida em Juazeiro do Norte, Ceará. Trabalha com cordéis e poemas que englobam temas como: racismo, negritude, cultura afro-brasileira e estudos antirracistas.

⁶ Foi escritora, compositora e poetisa brasileira. Negra e de origem pobre, ganhou reconhecimento nacional por seus livros, como “Quarto do despejo” e “Diário de uma favelada”. Atualmente é reconhecida como uma das maiores escritoras do Brasil.

Referência como exemplo
De valor testamentário.
(Arraes, 2017, p. 42).

A partir dessas análises, podemos, então, estabelecer o paradigma de que o cordel é um retrato social em forma poética, em que se escreve de acordo com os pensamentos da comunidade e do poeta. Em um primeiro momento, o cordel já foi (e em alguns casos ainda é) carregado de preconceitos, mas que há também demonstrações poéticas do mesmo gênero literária sendo uma fonte de desconstrução de preconceitos e lutando pelos direitos do povo negro.

Nas escolas, o folheto é trabalhado principalmente nas aulas de língua portuguesa em formas de leitura em conjunto, em produção textual, estudo de formas de discursos, aprendizagem de novos vocábulos etc. Há uma imensidão de formas para trabalhar o cordel em sala de aula, e uma delas, é com o tema do racismo e cultura negra. Não apenas nas aulas de português, o cordel também pode ser trabalhado no componente curricular de sociologia, filosofia ou história, trazendo à baila o cordel como um recorte histórico de uma época, ou como narrativa de um determinado povo ou acontecimento. Um desses recortes pode ser a história da escravidão no país, ou sobre o movimento negro no Brasil, colocando em debate com os alunos a importância da preservação da memória negra e o respeito a ela.

Assim, Domingues (2007, p.102) nos mostra que o movimento negro busca não só no campo social seus direitos e reconhecimento, mas também no sistema educacional, apontando que a escola possui papel crucial no combate ao racismo e valorização da luta dos negros. Ora, o cordel aí possui uma notoriedade imensa, uma vez que pode ser trabalhado no campo linguístico e social dentro do ambiente escolar, além de que diversos cordéis são fáceis de serem acessados através de acervos online⁷. Sendo importante mencionar que os folhetos em sua forma virtual continuam a perpetuar a cultura cordelista, como aborda Diniz (2007).

Encontrar o cordel na internet, antes de qualquer coisa, é permitir o acesso irrestrito e vivo desse gênero literário. [...] Igualmente, o cordel virtual não põe em jogo a natureza e tradição da prática do folhetim. Muito pelo contrário, o hipertexto revitaliza e confere uma importância ainda maior, criando um conceito mais complexo e ambíguo que é da cultura popular virtualizada.

⁷ Há acervos de cordéis espalhados por toda a internet, como: Acervo Antônio Nóbrega; acervo da Biblioteca Nacional; Domínio Público, entre outros.

Assim, é notável que o cordel possa ser utilizado como ferramenta antirracista no contexto escolar e social, trabalhando para uma sociedade mais justa e igualitária na questão racial, podendo usar das leituras e escritas de folhetos para difundir os direitos e a cultura do povo negro. O cordel foi – e será – instrumento literário da cultura brasileira, e sua importância literária perpassa os campos linguísticos e ganha espaço no cenário dos debates sociais, visto que ele é hoje instrumento de estudos literários, como sendo um retrato vivo dos pensamentos dos poetas do nordeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de folheto nordestino existe há cerca de 200 anos, advindo dos poetas cantadores, e depois (mas também em conjunto) com os poetas escritores, que observam o mundo a sua volta e transmitem em palavras e textos rimados aquilo que é vivenciado por eles. Em um primeiro momento, os cordelistas falavam de temas mais ligados ao sertão nordestino, mas com a expansão urbana, outros temas também vieram à baila das palavras, como a desigualdade social em seus diversos níveis. Deste modo, as poesias começaram a ganhar espaço nos diversos âmbitos, como o escolar, sendo ainda hoje, uma ferramenta de desenvolver a escrita e leitura nos estudantes, mas também o senso crítico, além de ser uma poderosa forma de combate ao racismo no Brasil, uma vez que o cordel é conhecido pela grande parte da população.

Os folhetos, por sua vez, também disseminam e propagam a cultura afro-brasileira por meio de seus versos, mesmo que em seu passado literário houvesse grandes marcas racistas, que eram impregnadas na cultura brasileira, mas que hoje há sim movimentos que fazem com que o cordel não apoie ou reproduza pensamentos desse tipo, mas que possam proteger e assegurar os direitos do povo negro. O cordel foi – e será – instrumento literário da cultura brasileira, e sua importância literária perpassa os campos linguísticos e ganha espaço no cenário dos debates sociais, visto que ele é hoje instrumento de estudos literários, como sendo um retrato vivo dos pensamentos dos poetas do nordeste.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. ALB, 1999.
- ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e

africana: uma conversa com historiadores. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 21, p. 5-20, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/eh/a/59tmSkhj3wzhwrCrdgC4cvx/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 21 mar. 23.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras**: em 15 cordéis. São Paulo: Pólen, 2017.

_____. **Quem tem crespo é rainha**. [*Folheto de cordel*] / Jarid Arraes. 2015.

Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/quem-tem-crespo-e-rainha/>. Acesso em: 27 set. 2021.

AMARAL, Firmino Teixeira do. **Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum**. São Paulo: Luzeiro, 2011.

BAKHTIN, M. M. **Os Gêneros do Discurso**. (Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra, notas da edição russa Serguei Botcharov), 1ª ed., São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. Lei 10.639, 03 de janeiro de 2003. Diário oficial de União, poder executivo, Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**. Unesp, 1997.

COELHO, Janete Lainha. O antirracismo no livro de literatura de cordel traquinagem de criança desafios para a educação. **Revista Encantar-Educação, Cultura e Sociedade**, v. 1, n. 2, p. 373-379, 2019.

CÚRCIO, Verônica Ribas. **Metodologia de ensino de literatura**. 1. ed. Indaial: Uniasselvi, 2019. 153 p.

DINIZ, Madson Góis. Do folheto de cordel para o cordel virtual: interfaces hipertextuais da cultura popular. **Hipertextus Revista Digital**, v. 1, n. 11, 2007.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.

FERREIRA, Diniz Vitorino. **Abolição do cativo**. Olinda: Casa das Crianças de Olinda, [19--]. 36 p.: 148 estrofes: sextilhas: 7 sílabas.

LEMAIRE, Ria. **Fonte de informação e conhecimento, folclore ou literatura**: O cordel como fenômeno multicultural. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 2013.

_____. Tradições que se refazem. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, p. 17-30, 2019.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de; MIRANDA, Erlano Silva de. Fontes de informação jurídica. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 22, n. 50, p. 76-90, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, PENESBRJ, 05/11/03 Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2023.

_____. Educação e diversidade cultural. **Cadernos PENESB: Discussões sobre o Negro na Contemporaneidade e suas Demandas**, Niterói, Rio de Janeiro, n. 10, jan./jun., 2010.

PINHO, Igor Aquino de. **Preservação e divulgação da literatura de cordel**: criação de um blog cultural para o Laboratório de Ciência da Informação e Memória da Universidade Federal do Cariri, 2023. 172 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia, Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia, Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, 2023.

REIS, C. **O conhecimento da literatura**. Introdução aos estudos literários. 21. Ed. Coimbra: Almedina: 2001.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.

SANTANA, Antonio Héilton de. **A escravidão e a resistência**. João Pessoa, s.d. Disponível em: <http://ospiti.peacelink.it/zumbi/afro/cordel/aheliton/ahs-03.html>. Acesso em: 21 mar. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2002.